



No périplo dos festivais, com concertos de excelência

Crítica de Música

Le Banquet Céleste
Damien Guillon, voz e direcção

★★★★★

Espinho, Igreja Matriz
Sexta-feira, 2 de Julho, 21h00
Obras de J. S. Bach
Igreja quase cheia

Capella Sanctæ Crucis

★★★★★

Alcobaça, Refeitório do Mosteiro
Sexta-feira, 9 de Julho, 21h00
Requiem de Coimbra
Sala quase cheia

Paolo Pandolfo, viola da gamba

★★★★★

Póvoa de Varzim, Igreja Matriz
Sábado, 10 de Julho, 16h00; 21h00
Obras de J. S. Bach
Lotação esgotada

A pandemia pode ter alterado muita coisa, pode até ter condicionado grande parte da programação, mas não conseguiu retirar-nos a oportunidade de ouvir concertos de excelência dos generosos cartazes dos festivais de Verão, todos eles diferentes, todos com alguns programas que facilmente caberiam nos outros.

Os concertos em análise partilham entre si a excelência das propostas e o elevadíssimo nível artístico atingido.

Começando pelas cantatas de Bach que Damien Guillon e o seu

agrupamento Le Banquet Céleste puderam, finalmente, apresentar no Festival Internacional de Música de Espinho, apenas poderíamos desejar que a generosa acústica da Igreja Matriz não tivesse dificultado ligeiramente a audição em alguns momentos (não se imaginando, no entanto, melhor espaço na cidade para este fabuloso concerto).

Recuando dois séculos, a Capella Sanctæ Crucis de Tiago Simas Freire apresentou em Alcobaça no âmbito do Cistermúsica, um laborioso trabalho de pesquisa e reinvenção em que à estreia moderna de uma Missa de defuntos a quatro vozes (conservada na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra) associou outras obras coimbrãs para os ofícios de defuntos, resultando num *Requiem de Coimbra – celebrações de lágrimas e de luz nos Ofícios de Defuntos em Coimbra no século XVI*, em que quatro vozes foram acompanhadas por variadas combinações de instrumentos de sopro, recorrendo-se a flautas, baixões, cornetas, charamelas, orlos e gaita. A não menos generosa acústica do Refeitório do Mosteiro de Alcobaça (onde outros concertos memoráveis tiveram já lugar) mostrou-se, neste caso, adequada à música que o agrupamento luso-francês materializou, criando um absolutamente notável espectáculo envolvente, que fez bom uso do espaço e que muito bom registo discográfico poderá surtir.

Novamente a norte, o Festival Internacional de Música da Póvoa de Varzim propôs, para sábado passado, a integral das suites para violoncelo de J. S. Bach, numa interpretação singular do gambista Paolo Pandolfo. São conhecidas diversas das suas peculiaridades. Uma delas é a sua infinita capacidade de arriscar, de reinventar a música a partir do texto do compositor, permitindo-se liberdades que o comum mortal não ousaria e que espantam pela genialidade, mesmo que isso implique tocar algumas notas inadvertidamente desviadas da intenção. Movimentando-se no circuito de uma imensa e invejável paleta tímbrica, Pandolfo terá feito alguns dos ouvintes mais distantes na igreja colocar-se no campo adivinhatório, já que a gama dinâmica em que trabalhou também se aproximou de um mínimo quase inaudível. Se Bach não escreveu assim, poderia eventualmente ter escrito – não estaria pior.

Os três festivais têm ainda óptimos concertos para oferecer; o de Espinho apenas até 24 de Julho, os outros dois, respectivamente até 1 de Agosto e 31 de Julho. **Diana Ferreira**



Interpretação singular do gambista Paolo Pandolfo